



PAULO EDUARDO GUIMARÃES

AS JUVENTUDES  
LIBERTÁRIAS E A  
REORGANIZAÇÃO  
DO MOVIMENTO  
ANARQUISTA  
NOS ANOS 40

LETRA LIVRE

**TÍTULO**

As Juventudes Libertárias e a Reorganização  
do Movimento Anarquista nos Anos 40

**AUTOR**

Paulo Eduardo Guimarães

**REVISÃO**

Letra Livre

**CAPA E GRAFISMO**

Pedro Mota

**Impressão:** Papelmunde

**ISBN:** 978-989-8268-57-0

**Depósito legal:**

**Colecção:** Anátema

**Edição:** Livraria Letra Livre

Calçada do Combro, 139

1200-113 Lisboa

Tel.: 213461075

letralivre@sapo.pt

www.letralivre.com

# ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5
1. ANTECEDENTES: AS JUVENTUDES SINDICALISTAS E A CRIAÇÃO DA FEDERAÇÃO IBÉRICA DAS JUVENTUDES LIBERTÁRIAS	17
2. AS JUVENTUDES LIBERTÁRIAS NA REGIÃO PORTUGUESA: OS PRIMEIROS ANOS (1935-1939)	29
3. A CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO DEPOIS DO MOVIMENTO DE 18 DE JANEIRO DE 1934	51
4. A DERROTA DAS FORÇAS REPUBLICANAS EM ESPANHA E A REORGANIZAÇÃO DAS JUVENTUDES LIBERTÁRIAS EM PORTUGAL (1939-1948)	59

5. A QUESTÃO DO «COLABORACIONISMO» COM COMUNISTAS E DEMOCRATAS	93
6. A CISÃO: À PROCURA DE NOVOS CAMINHOS CONCLUSÃO	115
CONCLUSÃO	123
EPÍLOGO	137
ANEXOS	151
BIBLIOGRAFIA	183
SIGLAS	195

## INTRODUÇÃO

Este estudo trata do problema da reorganização das Juventudes Libertárias (JJLL) nos anos 40 e do seu papel no conjunto do movimento libertário em Portugal. Procuramos aqui descrever os problemas com que as JJLL se debateram neste processo e tentaremos descortinar as razões *internas* do seu fracasso. Como já notara João Freire, foi nestes anos que o problema da organização do movimento anarquista no seu conjunto assumiu uma grande importância para os destinos do movimento<sup>1</sup>. Como pano de fundo dos problemas que se levantaram à acção militante e à reflexão neste período esteve a influência

---

1 João Freire, «Os Anarquistas Portugueses na Conjuntura do Pós-Guerra», in *O Estado Novo: Das Origens ao Fim da Autarcia, 1926-1959*, Vol. 2, Lisboa, Fragmentos, 1987, pp. 9-26.

crescente do Partido Comunista Português (PCP) junto dos trabalhadores bem como a estratégia eleitoral adoptada pela oposição política ao regime do Estado Novo. Concomitantemente, verificamos o crescente isolamento daqueles que, até aos anos 30 do século passado, lideraram a organização sindical portuguesa. Foi no período que definimos entre o fim de 1942 e o início de 1948 que esta transformação veio a ser percebida pelos militantes libertários. Não é, pois, a dimensão do movimento libertário neste período que justifica o interesse histórico, mas antes a verificação da dificuldade de mobilização dos militantes, de recrutamento e influência, em especial nos meios populares. Interessou-nos, portanto, os problemas que se lhes depararam na reorganização do *movimento libertário* perante uma nova conjuntura nacional e internacional, e que conduziriam ao seu isolamento, situação que os velhos militantes tentariam contrariar, finalmente, com a abertura política proporcionada depois de Abril de 1974.

As nossas preocupações centraram-se, assim, na análise das interações entre 1) a organização libertária e os meios disponíveis; 2) o meio político-social de recrutamento, marcado pela pobreza, isolamento, repressão e terror; e, finalmente, 3) o papel da concorrência comunista e das estratégias da oposição nesse contexto. Procurámos, deste modo, descortinar alguns vectores que podem «explicar» o esboroar do anarquismo como movimento organizado com influência junto dos trabalhadores portugueses e das forças oposicionistas depois da Segunda Guerra Mundial. João Freire, que anteriormente assinalara as experiências das Juventudes Sindicalistas (JJSS) e das JJLL, demonstrou depois a importância do ofício e do mundo das oficinas no recrutamento da militância anarquista até aos anos 40<sup>2</sup>. Ora, o período entreguerras foi marcado por mudanças estruturais em várias indústrias e fileiras produtivas, com a subsequente desqualificação de muitos

---

2 João Freire, *Ofício e Práticas Sociais: O Anarquismo e o Operariado em Portugal, 1900-1940*, 2 vols., tese de doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, 1988.

ofícios (soldadores, rolheiros, construção civil), reorganização corporativa (criação dos Sindicatos Nacionais e Casas do Povo) e depressão nos níveis de vida na generalidade dos assalariados urbanos e rurais. Contudo, no balanço que fez das acções dos libertários nos anos 40, João Freire apontou *razões internas* e identificou cinco pontos mais controversos no debate que então se gerou no Movimento Libertário Português (MLP): em primeiro lugar, a questão da participação dos anarquistas em governos populares, resultante da experiência espanhola (colaboracionismo); depois, a questão da organização da produção e das estruturas de poder local e regional (sindicatos, cooperativas, justiça, etc.); em terceiro lugar, a questão da defesa militar; quarto, a questão das relações internacionais; e, finalmente, a política de alianças com forças de esquerda e antifascistas<sup>3</sup>. Além disso, oferece-nos as propostas de renovação então elaboradas por militantes destacados.

---

3 João Freire, «A Evolução Ideológica de Alguns Exponentes do Anarquismo Português no Pós-Guerra», *Revista da Biblioteca Nacional*, S2, Janeiro-Dezembro, 1995, pp. 123-168.



Edgar Rodrigues, por seu turno, é excessivamente sintético sobre a questão do colaboracionismo, embora reconheça o impacto que o cisionismo teve internacionalmente no tecido orgânico anarquista bem como os seus efeitos devastadores no meio português. Diz ele:

O movimento Confederal português, vivendo uma clandestinidade forçada, foi envolvido por este posicionamento e, na falta de liberdade para tratar o desvio ideológico amplamente, analisá-lo, debatê-lo livre e reflectidamente, saindo com uma posição uniforme, tanto quanto possível, passou a carregar, a nível de companheiros, desgostos e decepções, alimentou divergências inúteis, desgastes dentro dum organismo bastante debilitado pela ditadura, abriu roturas, desligamentos, espaços vazios com prejuízos para a causa libertária<sup>4</sup>.

---

4 Edgar Rodrigues, *A Oposição Libertária em Portugal, 1939-1974*, Lisboa, Sementeira, 1982, p. 23. Ver também pp. 123-127.

Também Adriano Botelho<sup>5</sup> referiria laconicamente no seu testemunho: «o ambiente era conflituoso entre os anarquistas “governamentalistas” e os sinceros anarquistas», invocando depois o conflito

---

5 Adriano Inácio Botelho (1892-1983). Natural de Angra do Heroísmo, era filho de um comerciante que começara a vida como caixeiro de mercearia. Estudou no liceu em Ponta Delgada, onde conheceu Aurélio Quintanilha (1892-1987). Em 1909, entrou na Escola Politécnica em Lisboa e, no ano seguinte, na Universidade de Coimbra. Contudo, em 1914, desistiu da licenciatura e regressou a Lisboa com a intenção de trabalhar em escritórios. Tentou emigrar para os EUA. Botelho correspondeu-se com Alexander Berkman (1870-1936). Em 1919, entrou para o jornal *A Batalha* como tradutor. Em 1920, casou com Aurora Moscoso, irmã do anarquista luso-brasileiro Neno Vasco, trabalhando com ele como escriturário numa empresa exportadora de vinhos em Lisboa. Em 1923, adere à criação da União Anarquista Portuguesa (UAP). Foi um dos animadores da Universidade Popular Portuguesa até à década de 1930. Em 1926, Botelho entrou para o Comité Confederal (CC) da Confederação Geral do Trabalho (CGT) na lista encabeçada por Mário Castelhanos (1896-1940). Com a razia policial de 1927 à sede da CGT, ele ficou só com Carlos Teixeira da Silva, sapateiro, que assumiu o pelouro da Solidariedade. Considerado um anarquista puro, na linha de Malatesta, afirmou mais tarde que tinha entrado para o CC da CGT por solidariedade. Faleceu em Lisboa no dia 1 de Maio de 1983. O seu percurso biográfico foi descrito por J. Freire em *Quatro Itinerários Anarquistas: Botelho, Quintal, Santana e Aquino*, Lisboa, A Batalha, 2019.

vivido no seio do Comité Confederal (CC) entre Vivaldo Fagundes e Marques da Costa<sup>6</sup>.

Este livro explora esta linha de investigação empírica, baseando-se fundamentalmente na documentação orgânica das JJLL, depositada no núcleo do Arquivo Histórico-Social (AHS) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP). Tivemos oportunidade ainda de entrevistar Moisés da Silva Ramos em Lisboa<sup>7</sup>, que nos ajudou a esclarecer alguns

---

6 A. Botelho, «Vivaldo Fagundes (1905-1968)», *A Ideia*, 26/27, Dezembro de 1982, p. 79.

7 Entrevista gravada em 6 de Junho de 1992. Moisés da Silva Ramos (13 de Outubro de 1918-21 de Outubro de 2000) nasceu em Lisboa e era filho de Bernardina da Conceição Ramos e de Álvaro da Costa Ramos, anarco-sindicalista muito activo, que viria a ser deportado para Angola com Mário Castelhana e outros que participaram na preparação do movimento de 18 de Janeiro de 1934. Moisés frequentou a Escola-Oficina n.º 1 (à Graça, em Lisboa), onde se ensinava de acordo com métodos racionalistas e libertários, na esteira da Escola Moderna de Francisco Ferrer i Guàrdia (1859-1909). Nos anos 30, frequentou a Universidade Popular Portuguesa, aderindo depois às JJLL e tornando-se, nos anos 40, um dos protagonistas da sua reorganização. Defensor do amor livre e do livre controlo da natalidade, viveu na comuna de Albarraque, onde se procurava materializar valores e práticas de uma nova vida colectiva. Preso em 29 de Novembro de 1942 para averiguações no Aljube, foi libertado no dia 19 do mês seguinte. Mais

aspectos que, de outro modo, ficariam menos claros. Para situar o leitor menos familiarizado com o tema, começámos por descrever sumariamente os antecedentes das JJLL, ou seja, as JJSS e a criação da Federação Ibérica das Juventudes Libertárias (FIJL). Depois, assinalámos os marcos da evolução das JJLL e da Confederação Geral do Trabalho (CGT) que sucedeu à tremenda vaga repressiva

---

tarde, nos anos 50, aproxima-se dos ideais cooperativistas de António Sérgio (1883-1969), mostrando-se muito activo na Associação dos Inquilinos Lisbonenses (AIL) e no Ateneu Cooperativo, para onde entrara juntamente com outros «jovens», como Emídio Santana (1906-1988), Germinal de Sousa (1909-1968) e Acácio Tomás de Aquino (1899-1998). Foi presidente da AIL em 1956. Participou activamente em manifestações públicas de oposição ao regime, no Movimento da Sé e na Revolta de Beja (1962), actividades que lhe valeram uma segunda prisão pela PIDE, com estada em Caxias entre os dias 30 de Maio e 29 de Junho de 1961 (PT/ANTT/PIDE, *Registo Geral de Presos*). Obteve o diploma de agente técnico de engenharia, com especialidade em termodinâmica. Sobre ele, veja-se o jornal *A Batalha*, 139 (1993) e 184 (2000), as notas biográficas publicadas nas revistas *Singularidades*, 17 (2001), e *Utopia*, 13 (2002), e o testemunho que nos deixou J. Hipólito Santos (1932-2017), *Um Militante Libertário: Moisés Silva Ramos (Personagem Sabiamente Polémico)*, Oeiras, 2013, in *A Ideia* (blogue): <https://aideiablog.wordpress.com/> (último acesso 04/02/2023).

desencadeada em 1933 e que se arrastou depois do movimento revolucionário de 18 de Janeiro de 1934. O terceiro capítulo trata da mobilização das JJLL durante a Guerra Civil de Espanha, com destaque para a acção directa contra equipamentos ferroviários e para a participação nas chamadas «bombas dos ministérios» e no atentado a Salazar. O período seguinte, marcado pelo terror paralisante, que balizámos entre a derrota das forças republicanas em Espanha e a reorganização das JJLL em Portugal (1939-1948), foi também animado pela perspectiva de abertura do regime e de criação de espaços para a militância libertária. Ele constitui o objecto do quarto capítulo, que abre caminho à análise da questão do «colaboracionismo» com comunistas e democratas, e conclui com a cisão e as suas consequências. Na conclusão, descrevemos o esboroamento da actividade orgânica das JJLL e, num breve apontamento final, procuramos *explicar* a aproximação de alguns (agora) veteranos ao cooperativismo e a sua actividade até Abril de '74. Em anexo, apresentamos alguns documentos de arquivo inéditos e imagens que procuram ilustrar a

nossa exposição. Entre estes destacamos o *Relatório de Actividades do CR da Federação Regional Portuguesa das Juventudes Libertárias, 1942-1948*, que nos oferece a leitura contemporânea de dois protagonistas.

Será fácil para o leitor perceber que dificilmente se poderá escrever uma História da Oposição ao Estado Novo sem referir a acção dos anarquistas. Edgar Rodrigues<sup>8</sup>, arquivista e historiador libertário, foi, juntamente com Alexandre Vieira (1880-1973), Carlos da Fonseca (1940-2017) e César de Oliveira (1941-1998), dos primeiros a divulgar a actuação militante que muitos menosprezaram ou gostariam de ver apagada,

---

8 Pseudónimo literário de António Francisco Correia (1921-2009). Originário de Matosinhos e filho de trabalhadores (o pai era estivador no porto de Leixões e um anarco-sindicalista muito activo no Sindicato das Quatro Artes), teve um papel relevante na recolha, guarda e preservação de documentação orgânica e pessoal de militantes anarquistas e anarco-sindicalistas. Parte desse espólio integra hoje o AHS, depositado na BNP. Muitos desses documentos foram divulgados na sua vasta obra sobre a história do anarquismo em Portugal e no Brasil. Sobre a sua vida e obra, ver José Ferreira, «Edgar Rodrigues: Um Anarquista entre Duas Pátrias», *Verve*, 25 e 26, 2014.

classificando os libertários como «utópicos», «pensadores à frente do seu tempo» e, mais recentemente, anonimizando-os entre os «lutadores antifascistas». Ele fez parte do grupo de exilados portugueses que, desde o Brasil, denunciaram, nos anos 50 e 60, a natureza fascista do regime e a sua propaganda em obras publicadas pela Editora Germinal, de Roberto das Neves (também ele um activo anarquista português exilado), merecendo destaque *A Fome em Portugal: Análise da Obra Económico-político-financeira do Corporativismo* (1959), livro escrito com Roberto das Neves<sup>9</sup> e prefaciado por Josué de Castro. Publicaria também *O Retrato da Ditadura Portuguesa* (1960) pela editora Mundo Livre (Rio de Janeiro), onde, além de escrever sobre a actuação da CGT nos anos 30, a perseguição e repressão das autoridades, o tratamento dos presos, em especial no Campo do Tarrafal (Cabo Verde),

---

9 Sobre o anarquista Roberto das Neves (1907-1981), escritor, poeta, jornalista e grafólogo forçado a emigrar para o Brasil em 1942, ver José Ferreira, «Roberto das Neves: Elementos de Uma Biografia», *Portal Anarquista*: <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/> (último acesso 07/03/2023).

denuncia a obra de «civilização portuguesa» em África. Em 1982, Edgar Rodrigues publicaria *A Oposição Libertária em Portugal, 1939-1974*, nela inserindo muita documentação inédita até então, que vinha reunindo há vários anos com os velhos militantes portugueses.

Este livro reproduz, no essencial, o estudo intitulado «As Juventudes Libertárias e o Problema da Reorganização do Movimento Anarquista nos Anos 40», realizado em 1992 para o Seminário de História da Oposição ao Estado Novo, coordenado por Fernando Rosas no âmbito do Mestrado de História dos Séculos XIX e XX (Secção do Século XX) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Foram produzidas na altura várias cópias pelo Centro de Estudos Libertários, que circularam num meio restrito. Uma versão abreviada e editada pelo director foi publicada posteriormente na revista *História*<sup>10</sup>.

---

10 P. Guimarães. «A Reorganização dos Libertários em Portugal (1935-1946): As Juventudes Libertárias e a Agonia do Anarquismo», *História*, XX, Nova Série, 6, Setembro de 1998.